



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO-DEDC I**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANGÉLICA DOS SANTOS SANTOS

**A BAIXA AUTOESTIMA EM CRIANÇAS NEGRAS E SEUS IMPACTOS NO  
PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR**

SALVADOR-BA

2025

ANGÉLICA DOS SANTOS SANTOS

**A BAIXA AUTOESTIMA EM CRIANÇAS NEGRAS E SEUS IMPACTOS NO  
PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia Campus I, Salvador, da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação da Prof. (a) Dra. Cláudia Pons Cardoso

SALVADOR-BA

2025

**ANGÉLICA DOS SANTOS SANTOS**

**A BAIXA AUTOESTIMA EM CRIANÇAS NEGRAS E SEUS IMPACTOS NO  
PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia Campus I, Salvador, da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação do (a) Prof. (a) Dr. (a) Cláudia Pons Cardoso.

Aprovada em: .../.../...

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

CLAUDIA PONS CARDOSO

Data: 27/01/2026 14:58:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. (a) Dr. (a) Cláudia Pons Cardoso - Orientador(a)  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

---

Prof. (a) Me. (a) Daiane Messias dos Santos - membro 1  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

---

Prof. (a) Me. (a) Silvana Santos Bispo - membro 2  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Dedico este trabalho de conclusão de curso à minha família, em especial aos meus pais, minhas irmãs, meu esposo e minha filha. Sem vocês essa conquista não seria possível.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por me conceder vida e saúde para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço também aos meus pais, pois sei que fizeram o possível para que eu tivesse acesso à educação e pudesse concretizar essa conquista. Agradeço às minhas irmãs que sempre me apoiaram e acreditaram no meu potencial. Ao meu esposo que me apoiou durante todo o processo e me deu forças para seguir em frente. À minha filha, que foi um dos motivos que me impulsionaram a acreditar na educação e vê-la como possibilidade de mudança e transformação. Vocês são minha base!

Agradeço a minha querida orientadora Dra. Cláudia Pons Cardoso por me apoiar durante todo esse processo de escrita que não foi fácil. Agradeço de coração pela pessoa humana e acolhedora que é e por acreditar em mim. A senhora tornou esse momento mais leve e significativo. Várias vezes desacreditei de mim mesma, mas você sempre me colocou para cima e me impulsionou a continuar. Muito obrigada, professora!

Não poderia deixar de mencionar aqui o Instituto Quilombo Ilha. Quando entrei neste instituto para cursar o pré-vestibular estava um pouco perdida, mas no decorrer do tempo percebi o quão diferente que era dos demais pré-vestibulares. Esta instituição me ajudou a me entender como pessoa negra e a construir a minha identidade negra. Foi aqui onde passei a me interessar mais pelas questões raciais e assim pude reconhecer meu valor e beleza enquanto pessoa negra. Que este lindo e importante trabalho continue a tocar outras vidas e fortalecer a comunidade negra.

Quero agradecer também ao professor Clóvis, de História e Sociologia, do ensino médio, que sempre impulsionou seus alunos a ter um olhar crítico perante a realidade. As suas aulas me ajudaram a sair da zona de conforto e lutar por aquilo que acredito. Certamente o conhecimento pode nos libertar e você me mostrou que isso é possível através da educação. Agradeço também ao professor Jorge Hilton, da disciplina de “Educação para as relações Étnico-raciais,” da Universidade do Estado da Bahia. Você com esse jeito duro de ser, mas era uma forma de extrair o melhor dos seus alunos, a termos um olhar crítico, a repensar nossos conceitos, práticas e questionar a realidade. As suas aulas me tocaram muito, mostrando que eu precisava me posicionar e acreditar mais no meu potencial. Suas reflexões em sala contribuíram muito na escrita deste trabalho. Gratidão!

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.

(Nelson Mandela)

## RESUMO

O presente estudo foi realizado em uma escola da rede municipal de Salvador-Ba. O percurso metodológico adotado foi a realização de entrevistas semiestruturadas com duas professoras regentes do terceiro e quartos anos, do ensino fundamental I e a análise do Projeto Político Pedagógico da escola, a fim de compreender se o documento contemplava ou não a lei 10639/03. A questão-problema que norteia este estudo é: De que forma a baixa autoestima, resultante de experiências de racismo, se manifesta no processo de aprendizagem de crianças negras no ambiente escolar? Este trabalho tem como objetivo geral analisar como a baixa autoestima, resultante de experiências de racismo, interfere no processo de aprendizagem de crianças negras e os desafios que enfrentam no ambiente escolar. E como objetivos específicos investigar os fatores escolares que contribuem para a baixa autoestima de crianças negras; examinar os desafios enfrentados por crianças negras com baixa autoestima em seu processo de aprendizagem; avaliar a relevância da valorização da cultura afro-brasileira e da representatividade no fortalecimento da autoestima e no aprendizado das crianças negras. Os resultados da pesquisa indicaram que a escola ainda se apresenta de forma omissa quanto às questões raciais. Em relação aos PPPs analisados, o documento antigo não contempla a Lei 10.639/03, enquanto o atual aborda a temática; entretanto, segundo as docentes entrevistadas, essa abordagem não se efetiva na prática. O trabalho relacionado à educação antirracista é realizado por elas de forma autônoma, por iniciativa própria. Além disso, as docentes se mostraram sensíveis às discussões raciais, considerando-as importantes para o combate ao racismo e para a construção da identidade racial negra.

Palavras-chave: racismo; autoestima; baixa autoestima; criança negra; aprendizagem.

## ABSTRAC

This study was conducted in a municipal school in Salvador, Bahia, Brazil. The methodological approach adopted was a semi-structured interview with the teachers of the third and fourth grades of elementary school I, and an analysis of the school's Political Pedagogical Project to understand whether or not the document contemplated Law 10639/03. The research question guiding this study is: How does low self-esteem, resulting from experiences of racism, manifest itself in the learning process of Black children in the school environment? The general objective of this work is to analyze how low self-esteem, resulting from experiences of racism, interferes with the learning process of Black children and the challenges they face in the school environment. Specific objectives include investigating the school factors that contribute to the low self-esteem of Black children; examining the challenges faced by Black children with low self-esteem in their learning process; and evaluating the relevance of valuing Afro- Brazilian culture and representation in strengthening the self-esteem and learning of Black children. The research results showed that the school is still remiss regarding racial issues. As for the analyzed PPPs (Political-Pedagogical Projects), the old one does not contemplate Law 10639/03, while the current one does address this discussion; however, according to the teachers interviewed, this does not happen in practice. They carry out this work, but on their own initiative. Furthermore, they showed sensitivity to racial discussions, believing it to be important in combating racism and for the construction of black racial identity.

Keywords: racism; self-esteem; low self-esteem; black child; learning

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
G4	Grupo 4
G5	Grupo 5
GRE	Gerência Regional de Educação
Org.	Organizador
PAAP	Programa de Apoio a Aprendizagem
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>16</b>
2.1 CONHECENDO O CONTEXTO ESCOLAR .....	18
<b>3. A RELAÇÃO ENTRE RACISMO, AUTOESTIMA, BAIXA AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM ESCOLAR</b> .....	<b>20</b>
3.1 FATORES ESCOLARES QUE CONTRIBUEM PARA A BAIXA AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS .....	21
3.2 DESAFIOS ENFRENTADOS POR CRIANÇAS NEGRAS COM BAIXA AUTOESTIMA EM SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM .....	25
3.3 A LEI 10639/03 PARA VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E FORTALECIMENTO DA AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS .....	28
<b>4 O DISCURSO INSTITUCIONAL E A PRÁTICA DOCENTE: DIÁLOGOS E CONTRADIÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA</b> .....	<b>32</b>
4.1 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA .....	34
4.2 ENTREVISTAS .....	37
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>49</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>52</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>53</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente compreende-se que o/a aluno/a deve ser o centro do processo de ensino-aprendizagem, enquanto ele/a é o/a protagonista, o/a professor/a passa a ser apenas um/a mediador/a, facilitador/a da aprendizagem, dessa forma deixa de ser o/a único/a detentor/a do conhecimento. Mas quando paramos para refletir sobre crianças negras, da rede pública de ensino e em condições de vulnerabilidade social, isso parece sem sentido. Como essas crianças podem ser protagonistas do seu processo de aprendizagem se a sua realidade diz totalmente o contrário? E se o currículo não lhes assegura representatividade e valorização de sua cultura e história?

Segundo Souza (2019), não se pode comparar uma criança de família de classe média com uma de classe baixa, pois a de classe média já nasce com todos os aparatos necessários para alcançar o sucesso, como o incentivo à arte, à boa literatura, tempo dedicado somente aos estudos, boa alimentação, lar confortável, dentre outros. Já o estudante das classes baixas, tem que ajudar no sustento da casa, para isso muitas vezes acaba saindo da escola para sobreviver, então o que essa criança vive e experencia é uma vida dura, sem expectativas de mudança. No tocante à criança negra, além das desigualdades sociais, ela enfrenta ainda a desigualdade racial, a partir disso podemos perceber como é difícil para ela, que já enfrenta tantos desafios, se reconhecer como negra e construir sua identidade racial no ambiente escolar. Muitas vezes essas crianças crescem com a autoestima muito baixa devido ao racismo sofrido nesse ambiente, tornando a escola assim um espaço vazio de significados, o que acaba refletindo negativamente na qualidade de vida dessas crianças. Assim, a escola onde deveria ser um espaço de transformação acaba sendo a responsável pela evasão dessas crianças.

Para Bondía (2002) a experiência é tudo aquilo que nos passa, nos move e nos toca, nesse sentido percebe-se que em muitas instituições de ensino as experiências que as crianças trazem a partir das suas vivências não é respeitada nem valorizada, isso acaba criando uma barreira entre professor e aluno e a aprendizagem passa a não ter sentido. Então, se a criança não é vista como sujeito de direitos, como ela pode ter expectativas de uma vida melhor? Como ela pode ser autônoma e protagonista do seu processo de aprendizagem? São reflexões pertinentes que nós, enquanto educadores precisamos fazer. Os estudos sobre criança e infância reforçam que ela deve ser

autônoma e ativa e que seu conhecimento de mundo deve ser valorizado e estimulado pelos professores para que sua aprendizagem seja significativa e prazerosa.

Desse modo, este trabalho surge de experiências racistas por mim vivenciadas na infância que desencadearam sentimento de baixa autoestima e afetaram o meu processo de aprendizagem escolar. A minha cor de pele era motivo de zombaria no espaço escolar, isso me levou a autonegação, pois enxergava a minha cor como algo feio e negativo, assim minha maior vontade era mudar minha cor de pele. Com isso, tive minha autoestima comprometida e isso me trouxe uma série de desafios como: evitar falar em público, muita vergonha e medo de apresentar trabalhos em sala, problemas na interação com outras crianças e, principalmente com professores/as e o sentimento de exclusão e rejeição. Tudo isso refletiu negativamente na minha aprendizagem.

O racismo que atravessa nossa sociedade é muito presente nos espaços escolares e acaba impactando diretamente na vida de crianças negras, influenciando assim na sua baixa autoestima. Quando uma criança negra não se reconhece no espaço escolar a tendência dela é se retrair cada vez mais e a se comunicar e socializar cada vez menos, trazendo assim diversos traumas, principalmente para a vida adulta. A criança negra com autoestima baixa tende a se isolar cada vez mais das pessoas, pois se sente inferior aos demais, podendo lhe trazer posteriormente grandes consequências, pois as interações são importantes para o desenvolvimento cognitivo, emocional, psicológico e social. A família nesse contexto é o elo mais importante na vida de uma criança e sua boa relação é crucial no enfrentamento ao racismo. No entanto, isso não é uma realidade, uma vez que muitas famílias devido a sua dura realidade não conseguem e nem sabem como enfrentar o problema, deixando essa tarefa a cargo da escola.

No tocante à minha família, meus pais não obtiveram uma educação formal, acredito que a falta de conhecimento nos torna vulneráveis a todo tipo de preconceito e discriminação e entender como suas manifestações ocorrem. Lembro-me quando criança que tanto minha mãe quanto minhas irmãs me chamavam de cabelo de bombril e nega (negra) preta do bozó, aquilo me machucava, mas eu não conseguia entender muito bem o motivo. Minha cor de pele era mais escura que de minhas irmãs, além disso percebia um tratamento diferente da minha mãe em relação a mim. Teve episódios que chorei muito desejando uma cor de pele mais clara, era como se tivesse nascido amaldiçoada. Me livrar daquela cor era a solução para os problemas.

Hoje, estar na universidade pública, sendo a primeira da minha família a ocupar esse espaço é de grande valia. Este acesso só foi possível graças as cotas<sup>1</sup>, que é uma forma de equiparação, uma vez que o/a negro/a teve por séculos seus direitos negados. Ocupar espaços de poder como a universidade pública é essencial para que nossa voz seja ouvida e nossos direitos garantidos.

A escola nesse contexto é o segundo elo mais importante na vida infantil após a família, dessa forma é necessário que esse ambiente seja acolhedor e respeite as individualidades de cada criança. É nesse espaço onde ocorre a maior parte das interações entre as crianças, isso é crucial para o desenvolvimento integral desses sujeitos, por isso é importante que nesse espaço se trabalhe desde cedo o respeito às diferenças. O ambiente educacional tem sido cada vez mais um lugar de disputas onde quem tem melhores condições socioeconômicas consegue alcançar o sucesso, enquanto os menos favorecidos estão sempre em posições de subalternidade. Nesse sentido a criança negra que vivencia inúmeros preconceitos e discriminações por sua cor de pele tende a ter um declínio progressivo em diversos aspectos do seu desenvolvimento. Quebrar as barreiras do racismo que perpassa em nossas relações é de extrema importância, para que assim haja de fato igualdade de oportunidades. (Fernandes, 2018)

Este tema me chamou muito a atenção, pois reflete a minha infância, uma infância repleta de experiências racistas, que resultaram na minha baixa autoestima e como consequência, desafios para o meu processo de aprendizagem. Além disso, pude perceber a presença da problemática na instituição da qual faço parte, como estagiária, onde atuo há quase dois anos, pelo Programa de Apoio à Aprendizagem (PAAP). Este projeto é um reforço de Língua Portuguesa e Matemática para alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Essas experiências racistas, tanto as vivenciadas na infância quanto as percebidas no estágio, me inquietaram bastante e assim a necessidade de compreender melhor tal fenômeno mais a fundo e poder contribuir, como educadora, para uma educação antirracista, visando o fortalecimento da autoestima de crianças negras no ambiente escolar, colaborando assim para um aprendizado significativo.

---

<sup>1</sup> A política de cotas implementadas pela UNEB, no âmbito da educação superior, foi criada no ano 2000, em um contexto de intensa desigualdade social e restrito acesso de determinados grupos étnicos à universidade, bem como a outros direitos fundamentais, assegurados constitucionalmente. (Anjos e Guedes, 2021, p.207). A UNEB é pioneira em políticas de cotas e se tornou um exemplo para outras universidades, democratizando assim o acesso a universidade a grupos considerados marginalizados.

A literatura analisada para pensar esta pesquisa mostra-se muito preocupada com a problemática do racismo no ambiente escolar, no entanto, pouco tratam a questão da baixa autoestima de crianças negras e como isso pode impactar no seu processo de aprendizagem escolar de forma aprofundada. Diante disso, este trabalho visa ampliar essa discussão e contribuir para uma educação antirracista por meio da Lei 10639/2003, com vista ao fortalecimento da autoestima da criança negra e aprendizagem significativa, além de colaborar com pesquisas futuras interessadas com a temática.

Assim, esta contextualização conduz a pergunta de pesquisa que este estudo visa responder: **De que forma a baixa autoestima, resultante de experiências de racismo, se manifesta no processo de aprendizagem de crianças negras no ambiente escolar?**

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como a baixa autoestima, resultante de experiências de racismo, interfere no processo de aprendizagem de crianças negras e os desafios que enfrentam no ambiente escolar. E como objetivos específicos investigar os fatores escolares que contribuem para a baixa autoestima de crianças negras; examinar os desafios enfrentados por crianças negras com baixa autoestima em seu processo de aprendizagem; avaliar a relevância da valorização da cultura afro-brasileira e da representatividade no fortalecimento da autoestima e no aprendizado das crianças negras.

Para realização da metodologia fez-se entrevistas semiestruturadas com as professoras regentes da unidade escolar, das turmas do 3º e do 4º anos, do Ensino Fundamental I, realizou-se também a análise do Projeto Político Pedagógico da escola a fim de compreender se o referido documento contempla ou não a lei 10639/03. Para as professoras regentes adotou-se nomes fictícios para manter-se o sigilo e preservação de suas identidades. A escola onde se realizou o presente estudo fica localizada no bairro da Calçada, na região periférica de Salvador-Ba.

Para a realização deste trabalho foi necessário buscar autoras, como Nilma Lino Gomes (2002), para compreender melhor o que é identidade, em especial a construção da identidade negra, pensando principalmente nas crianças negras. Inaldete Pinheiro de Andrade (2005) para discutir a construção da autoestima da criança negra, principalmente visando entender melhor a questão da autoestima e sua importância para o bem-estar da criança negra. Silva et al. (2015) trouxeram grandes contribuições para aprofundar ainda mais a discussão sobre autoestima e baixa autoestima e seus impactos

na aprendizagem da criança negra. Lopes (2005) ofereceu uma maior compreensão do conceito de preconceito, discriminação e racismo. Silva et al. (2021) e Cruz (2005) contribuiu para a compreensão da lei 10639/03 e sua importância para valorização da cultura africana no ambiente escolar.

Este trabalho está dividido em quatro sessões. A primeira se refere à introdução, a segunda aborda a metodologia, a terceira a relação entre racismo, baixa autoestima e aprendizagem escolar, com destaque para apresentação de uma discussão conceitual sobre o que é o racismo, autoestima, baixa autoestima e a aprendizagem escolar. Discute-se ainda os fatores escolares que contribuem para a baixa autoestima da criança negra e os desafios enfrentados por crianças negras com baixa autoestima em seu processo de aprendizagem, além da importância da Lei 10639/03 para a valorização da cultura afrobrasileira e fortalecimento da autoestima de crianças negras. A quarta sessão apresenta o discurso institucional e a prática docente: diálogos e contradições sobre as relações raciais na escola. Nela busca-se analisar o projeto político pedagógico da escola a fim de compreender se ele discute ou não a lei 10639/03. Aborda-se reflexões acerca da análise desse documento e as falas das docentes e por último apresenta-se entrevistas com as professoras regentes do terceiro e quarto ano. E por último, a conclusão, em que se discute os resultados alcançados com a pesquisa.

## 2. METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado em uma escola municipal, localizada na Cidade Baixa em Salvador-Ba, no bairro da Calçada. Essa escola se encontra em uma região periférica e abarca em sua maioria estudantes negros em condições de vulnerabilidade social. A instituição atualmente atende pela manhã às turmas do Ensino Fundamental II, uma turma do Acelera (para alunos que estão em distorção de idade-série) e uma turma do Grupo 5 (Educação Infantil) e pela tarde o Ensino Fundamental I e uma turma do Grupo 4 (Educação Infantil). A escolha desta instituição se justifica por minha prévia inserção como estagiária, o que facilitou o contato direto com a realidade escolar, incluindo alunos e corpo docente, e permitiu um conhecimento aprofundado de seu contexto.

O presente estudo tem abordagem qualitativa, pois ela permite uma maior relação do pesquisador com o objeto a ser estudado. Para André (2013, p. 97),

As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados. Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores.

Como instrumento metodológico de registro e análise realizou-se a observação no ambiente escolar para conhecimento do local, para isso usou-se um caderno de campo para anotações. Além disso, efetuou-se a entrevista semiestruturada com duas professoras regentes do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental I, cujos nomes foram substituídos por nomes fictícios para manter as informações em sigilo. As entrevistadas tiveram a liberdade de escolher seus nomes. Para Oliveira, Guimarães e Ferreira (2023, p.222)

As entrevistas semiestruturadas, como a própria designação sugere, têm como característica um roteiro preestabelecido no qual o pesquisador inclui um pequeno número de perguntas abertas e deixa o entrevistado livre para falar, podendo realizar perguntas complementares para compreender o fenômeno investigado.

As entrevistas foram realizadas em dias e salas distintas, a primeira realizou-se na sala do 9º ano, onde se encontrava disponível, com a professora regente do 4º ano e a segunda foi realizada na sala dos professores, com a professora regente do 3º ano.

A seleção dessas turmas foi motivada pela observação da presença de crianças negras que apresentavam indícios de baixa autoestima, e pela percepção de como essa condição se refletia em seu processo de aprendizagem. Para a entrevista foi utilizado um roteiro com as questões a serem feitas para as entrevistadas e um aparelho celular para fazer a gravação do áudio. Dentro desse contexto a entrevista semiestruturada se mostrou uma poderosa ferramenta uma vez que nos dá a possibilidade de um maior contato com o entrevistado, nos permitindo dessa forma ir além do que foi programado, uma vez que nos permite mais flexibilidade e autonomia. Para a realização da observação do contexto escolar e das entrevistas foi necessário ir dois dias à unidade escolar. Por último foi feito a análise do PPP da escola.

Para compreender melhor esse fenômeno da relação entre racismo, baixa autoestima e aprendizagem escolar e responder à pergunta de pesquisa foi necessário fazer um levantamento bibliográfico e buscar autores que já discutem esse tema, como Andrade, 2005; Gomes, 2002; Silva et al. (2015); Lopes (2005); Silva et al.(2021) e Cruz(2005) que embasam teoricamente reflexões sobre os desafios enfrentados por crianças negras no ambiente escolar e a importância da valorização da cultura afro-brasileira na construção da autoestima dessas crianças.

## 2.1 CONHECENDO O CONTEXTO ESCOLAR

A escola está localizada em área periférica, estando diretamente inserida no contexto socioeconômico da comunidade adjacente. Atualmente a unidade escolar funciona nos turnos matutino e vespertino. Pela manhã atende as turmas do fundamental II, o Grupo 5(Educação Infantil) e uma turma do Acelera. A tarde atende as turmas do Fundamental I e uma turma do Grupo 4 (Educação Infantil). No turno da manhã possui uma gestora, uma vice gestora e uma coordenadora pedagógica. No turno oposto há somente uma gestora e uma coordenadora pedagógica. No momento a instituição conta com 37 funcionários, sendo 18 deles professores.

A escola conta com uma secretaria, uma sala da gestão, uma sala dividida para a vice gestora e coordenadora pedagógica, uma sala dos professores, uma biblioteca, uma cantina com refeitório, dois banheiros para os alunos, um para os professores e gestores e dois para os demais funcionários, uma quadra esportiva coberta, uma sala de multimídia, um pátio e área verde.

As salas de aula são espaçosas e apresentam boa estrutura, além disso atualmente todas estão climatizadas. Em relação à biblioteca, somente os professores têm acesso a ela, mas vale ressaltar que todas as salas de aula possuem um cantinho de leitura, então o docente fica responsável por selecionar os livros que farão parte desse espaço de leitura.

A sala de Multimídia é um espaço onde os alunos têm a oportunidade de acessarem as plataformas digitais disponibilizadas pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador, como o Techkids e o Ava Inteligente. Tais plataformas promovem conteúdos diversificados de forma interativa e divertida. A educação tecnológica é um direito de todos os estudantes, por isso é dever da escola oportunizar esse acesso aos mesmos. Mas para que isso aconteça de forma eficaz é necessário que os professores sejam capacitados, para isso eles precisam de formação continuada que possibilite esse preparo.

A formação continuada do corpo docente é promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador, por meio da Coordenação Pedagógica da Gerência Regional de Educação (GRE) Cidade Baixa-Liberdade e do Centro de Formação de Professores Emília Ferreiro, garantindo dessa forma o aprimoramento constante das práticas

pedagógicas. Quanto aos estudantes há um total de 245 alunos, sendo distribuídos 127 pela manhã e 118 à tarde.

### **3. A RELAÇÃO ENTRE RACISMO, AUTOESTIMA, BAIXA AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM**

Este capítulo tem por objetivo estabelecer a relação entre racismo, autoestima, baixa autoestima e analisar seu impacto no processo de aprendizagem de crianças negras. O capítulo está dividido em três partes. Na primeira parte iremos abordar os fatores escolares que contribuem para a baixa autoestima de crianças negras, apresentando uma discussão mais conceitual sobre a autoestima, a baixa autoestima, a identidade e o racismo. Para conceituar o que é a autoestima e a baixa autoestima trouxemos o pensamento de Silva et al. (2015). Para definir o que é a identidade trouxemos a contribuição de Gomes (2002) e para se conceitualizar o racismo usou-se a colaboração de Lopes (2005).

Na segunda parte, discutiremos os desafios enfrentados por crianças negras com baixa autoestima em seu processo de aprendizagem. Refletiremos como a baixa autoestima pode impactar no processo de aprendizagem dessas crianças e os desafios enfrentados no ambiente escolar. Aqui também se discutirá o papel da escola e da família no apoio a essa criança que sofre com a baixa autoestima e como isso pode ser solucionado e como a escola em especial, pode contribuir para que essa criança se sinta valorizada e acolhida e como a instituição escolar pode ajudar no fortalecimento da autoestima e identidade negra. A partir disso, compreendemos que a parceria entre família e escola é crucial para o enfrentamento do racismo e fortalecimento da autoestima dessas crianças.

Na terceira e última parte deste capítulo, abordaremos a importância da lei 10639/03 para a valorização da cultura afro-brasileira e fortalecimento da autoestima de crianças negras. Esta parte busca compreender se os professores têm conhecimento da referida lei, se fazem uso em sala de aula e se abordam a questão racial no ambiente escolar. Refletiremos também sobre a questão racial ser discutida somente no dia 20 de novembro, pois acreditamos que esse debate deve ocorrer em todo o período letivo. Além disso, falaremos da importância dessa lei na desconstrução de estereótipos do povo negro e a luta por uma educação que vise o respeito e a diversidade. Entendemos que para isso ser possível, o professor precisa se munir de conhecimento e isso deve acontecer desde a sua formação inicial até a continuada e os poderes competentes devem garanti-lo para os docentes.

### 3.1 FATORES ESCOLARES QUE CONTRIBUEM PARA A BAIXA AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS

Para compreender melhor os fatores escolares que contribuem para a baixa autoestima de crianças negras, precisamos entender o conceito de autoestima, baixa autoestima, identidade e racismo. A autoestima nada mais é do que gostar de si mesma, ter apreço por si próprio, nesse sentido Silva et al. (2015, p. 1) complementam que:

A autoestima é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento humano, na construção de suas características e de sua personalidade. O seu não desenvolvimento poderá ocasionar problemas que dificultarão suas relações consigo e com a sociedade.

A baixa autoestima é o oposto disso. Os autores citados acima afirmam que:

a baixa autoestima é um dos principais fatores da dificuldade de interação da criança com o meio escolar, uma vez que se considera inferiores aos seus pares. Outra consequência dessa dificuldade de interação por parte da criança também pode ser observada no seu desenvolvimento social e nas relações escolares. (Silva et al. 2015, p.2)

A identidade é quem somos no mundo, o que nos torna únicos. A construção da identidade de crianças negras ainda têm sido um grande desafio, principalmente nos espaços de ensino. A representação do/a negro/a no ambiente escolar ainda tem sido trabalhada de forma estereotipada e atrelada somente à escravização. Mas será que não há uma outra história do povo negro? Será que nunca houve reis e rainhas negros/as? Por que a escola ainda insiste em atrelar o negro somente ao negativo? Práticas racistas e discriminatórias como tais têm contribuído para que crianças negras não queiram fazer parte do seu grupo de pertencimento racial, ou qualquer tipo de ligação que remeta ao seu passado, a sua história. Gomes (2002) compreende a identidade negra como

[...] uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando

confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade. (Gomes, 2002, p.39)

Nesse sentido a autora complementa que a escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. Dessa forma, o ambiente escolar pode sim ser potencializador na valorização da diversidade, no entanto, pode ser também um reprodutor de práticas racistas e discriminatórias.

Para Lopes (2005, p.188):

as pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolve com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma, podem aprender a ser ou tornar-se preconceituosos e discriminadores em relação a povos e nações.

Nesse contexto ninguém nasce racista ou preconceituoso, mas a partir das relações com o outro, isso vai sendo construído nas mais diversas esferas da nossa vida. Mas se somos ensinados a ser racistas, podemos também ser ensinados a valorizar e respeitar às diferenças.

A escola é uma das principais instituições que deve garantir esse direito a todas as crianças. Para a autora o preconceito racial é ideia preconcebida suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação a outra, sem razão objetiva ou refletida. Normalmente, o preconceito vem acompanhado de uma atitude discriminatória; discriminação racial e atitude ou ação de distinguir, separar as raças, tendo por base ideias preconceituosas.

A escola deve ser um espaço ao qual a diversidade seja motivo de orgulho. Reconhecer que somos diferentes, que há diversas raças, mas acima de tudo que somos seres humanos, e como tais, merecemos respeito e dignidade. Além disso todos precisam ter igualdade de oportunidades. Sobre isso a autora afirma:

O combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação, em nível escolar, deve tomar as mais diferentes formas de valorização da pessoa humana,

povos e nações, valorização que se alcança quando descobrimos que as pessoas, mesmo com suas dessemelhanças, ainda são iguais entre si e iguais a nós, com direito de acesso aos bens e serviços de que a sociedade dispõe, de usufruí-los, criar outros, bem como de exercer seus deveres em benefício próprio e dos demais. (Lopes, 2005, p.187)

Para Gomes (2002) o cabelo e o corpo são representações da identidade negra. Para a autora “o corpo surge, então nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário”. Mas quando nos deparamos com a realidade escolar, será que esses símbolos de representação negra têm sido motivo de orgulho para as crianças negras? Será que a escola tem trabalhado as questões raciais, a fim de valorizar e enaltecer a beleza negra? Para a autora:

Na escola, não só aprendemos a reproduzir as representações negativas sobre o cabelo crespo e o corpo negro; podemos também aprender a superá-las. Para isso, elas terão que ser consideradas temáticas merecedoras de um lugar em nosso currículo e em nossas discussões pedagógicas. (Gomes,2002, p.50)

Nesse sentido podemos perceber que a educação é importante na construção dos sujeitos, sujeitos que sejam capazes de questionar e mudar a sua realidade. A escola pode ser um lugar rico de significados, um espaço de valorização da diversidade, mas por outro lado pode se tornar também um ambiente reprodutor de preconceitos, contribuindo cada vez mais para que crianças negras se sintam inferiores e incapazes. Diante disso, Gomes (2002, p.50) ressalta que “o estudo sobre o corpo e o cabelo, como ícones da identidade negra presentes nos processos educativos escolares e não escolares, poderá apontar-nos outros caminhos além da denúncia da reprodução de preconceitos e estereótipos”.

Segundo Gomes (2002, p. 41), “não é fácil construir uma identidade negra positiva convivendo e vivendo num imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual.” A autora ressalta que para se pensar na relação entre educação e identidade negra é necessário construir uma Pedagogia da Diversidade. Complementa ainda que nessa direção o negro será colocado no lugar que é seu enquanto sujeito. Dessa forma o negro poderá contar a sua verdadeira história.

Como já mencionado, a escola é a segunda instituição mais presente na vida das crianças após a família, dessa forma esse espaço precisa proporcionar segurança,

acolhimento e aprendizagem integral a todos os estudantes. Segundo o artigo 205 da Constituição Federal brasileira, a educação é um direito de todos e é dever do Estado e da família garanti-lo, independentemente da sua cor, raça, etnia e religião. Ter acesso a uma educação de qualidade é importante para que o indivíduo tenha consciência dos seus direitos enquanto cidadão, e assim possam lutar ativamente por eles.

Analisando a importância da educação na vida das crianças, percebemos muitas contradições quanto a prática escolar, a escola tem adquirido um espírito empresarial, mais focada no mercado de trabalho, do que em construir seres críticos e pensantes. É claro que o futuro profissional das crianças é importante, mas isso não é tudo. Essa visão de educação tem favorecido à competição e como consequência, as desigualdades, dessa forma quem possui melhores condições consegue alcançar o sucesso escolar, enquanto os grupos menos favorecidos ficam em posições de subalternidade. Aqui entra a meritocracia, quem se dedica mais aos estudos, certamente pode alcançar o êxito escolar e conseqüentemente o sucesso profissional e pessoal. Como crianças negras, que já estão em condições de vulnerabilização e são consideradas marginalizadas podem alcançar o sucesso escolar se a maioria não possui as condições mínimas necessárias para que isso seja possível? Esse olhar de muitas escolas tem sido um dos principais fatores que tem afetado a saúde emocional de crianças negras, como a baixa autoestima. Não há uma preocupação quanto as questões emocionais na escola, muitas vezes são vistas como desnecessárias. O/a professor/a precisa cumprir metas e não possui tempo para um olhar mais holístico.

Para uma mudança de cenário é necessário que o/a professor/a reflita sobre sua práxis, que esteja aberto/a a mudanças, que reconheça a riqueza da diversidade em sala de aula, além de tudo isso é necessário maior investimento na formação inicial e continuada de professores. Para que o aprendizado seja mais significativo é importante que o/a docente valorize o conhecimento de mundo das crianças, elas trazem uma carga muito grande de experiências e não devem ser desprezadas. Trabalhar a partir dessa perspectiva facilita o processo de ensino e aprendizagem, pois o conteúdo passa a ter significado e relevância para as crianças. Nesse contexto Silva et al. (2015, p.5) acrescentam:

Na construção do saber e nas relações escolares é essencial que se respeite e se valorize o conhecimento prévio do aluno, pois vivências, conhecimento e

cultura são dimensões inerentes à criança, não podendo estarem dissociados do processo educacional. Dessa forma, é muito mais vantajoso construir conhecimentos a partir do já existente, pois a criança se sentirá mais confiante e terá mais motivação para participar dos momentos educativos.

Estes autores enfatizam que é essencial que exista na escola um ambiente interpessoal positivo que favoreça a interação entre a comunidade escolar e os alunos, evitando que os enfoques competitivos e individualistas, vistos hoje em muitas salas de aula, estejam presentes no ambiente escolar. Nesse caminho, a escola pode contribuir para aprendizados cheios de significados e crianças mais felizes e confiantes.

### **3.2 DESAFIOS ENFRENTADOS POR CRIANÇAS NEGRAS COM BAIXA AUTOESTIMA EM SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

A criança negra que sofre com a baixa autoestima no ambiente escolar tende a sofrer grandes conflitos interiores. Não acreditar em si mesma, se sentir incapaz e inferior aos demais é apenas um dos desafios enfrentados por essa criança, que acaba repercutindo no seu desempenho escolar. Santos et al. (2015, p.4) acrescentam que

a desvalorização de si perante os outros bloqueia as ações, dificultando a transmissão de sentimentos e opiniões. Esse bloqueio acontece por medo, pois o receio da reprovação impede que a pessoa se expresse. O medo excessivo do erro é uma característica acentuada da baixa autoestima, uma vez que há insegurança e um não reconhecimento do seu potencial, bem como o medo do julgamento social. Tais julgamentos são expressões por meio de rótulos que impedem ou dificultam a construção da personalidade.

A partir desse pensamento podemos perceber que além dos prejuízos para o processo da aprendizagem, a baixa autoestima interfere diretamente na relação com o outro. A interação é muito importante para o desenvolvimento da criança e é através da relação com o outro que a criança amplia seus horizontes, tem contato com outras culturas e isso é um fator relevante para o desenvolvimento do respeito pelas diferenças. Nesse contexto, as interações se mostram extremamente importantes para o processo de aprendizagem. Sobre isso Salmon, Barrabacz e Contreras (2018, p.3) complementam:

A aprendizagem é um processo social que ocorre posteriormente sucessivas interações entre as pessoas, a partir de uma relação ou vínculo. Entende-se, assim, que é por intermédio do outro, que o ser humano conquista novas

maneiras de pensar e agir e, dessa maneira constrói e apropria-se de novos conhecimentos.

Sofrer com a baixa autoestima já é um grande desafio para a criança, como se isso não bastasse, ainda precisam lidar com atitudes insensíveis e discriminatórias por parte de educadores/as, tornando dessa forma o processo muito mais difícil para a criança negra. Essas atitudes podem ocorrer talvez pela falta de conhecimento ou até mesmo pela falta de reflexão sobre a própria prática pedagógica, nesse contexto, o/as professores/as acabam contribuindo ainda mais para a exclusão de determinados grupos, neste caso, crianças negras, que por inúmeros motivos já se sentem rejeitadas pela comunidade escolar. Segundo Santos et al. (2015, p. 4)

As atitudes praticadas por professores poderão ser responsáveis por essa falta de confiança que as crianças desenvolvem, tais como: direcionar perguntas à criança e exigir uma resposta padrão; enfatizar os seus erros ao invés de valorizar suas qualidades; colocá-las de alguma maneira expostas aos colegas. Esse posicionamento poderá lhes causar dificuldade de formar seu autoconceito, além de propiciar uma negativa em sua autoestima”

A escola, como instituição formadora de sujeitos pode estar fazendo o seu papel adverso, ao invés de zelar pelo bem-estar dos educandos, ela pode estar atuando de forma patológica. Crianças que sofrem com a baixa autoestima muitas vezes não conseguem apoio familiar, seja por desconhecimento da família sobre o problema ou pela falta de informação mesmo sobre o que fazer diante da situação. Assim, a escola se torna um elemento essencial para o enfrentamento da problemática. No entanto, essa realidade parece distante das escolas brasileiras. Onde deveria ser um espaço acolhedor e diverso, a escola passa a ser na maioria das vezes, a maior reprodutora de preconceitos.

A criança se constitui a partir do olhar do outro, seja da família, escola, dentre outros. Ela reflete aquilo que vivencia em seu cotidiano. Diante disso, se o olhar do outro sobre si é negativo, certamente essa criança vai internalizar isso e ter sua autoestima comprometida, dentre outros desafios. No tocante à sala de aula, a falta de representação negra é um fator crucial para a auto rejeição e exclusão de crianças que pertencem a esse grupo racial. Se a instituição escolar privilegia somente a cultura branca em detrimento de outras, a tendência das crianças negras é querer fazer parte deste grupo, além disso a escola reforça ainda mais que as demais culturas não são importantes. Nesse contexto Fernandes (2018, p.8-9) acrescenta:

o professor não pode supervalorizar umas crianças em detrimento de outras, ele deve demonstrar carinho e atenção a todas. Diante desse quadro, podemos afirmar que é na infância que a criança em pleno processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e social começa a internalizar ideias discriminatórias sobre o negro. Desta forma, é relevante que as instituições de educação infantil estejam preparadas para acolher a diversidade étnica com um trabalho educativo pautado para a valorização dessa diversidade.

Diante desse cenário, o/a professor/a deve ter um olhar sensível e crítico. Abordar diversas culturas em sala de aula, elencando a sua importância para a formação da nossa sociedade é de suma importância. Valorizar todos os grupos étnicos/raciais presentes em sala de aula contribui para uma educação mais igualitária e diversa. Para que isso aconteça é imprescindível que o/a docente se despidam de todo preconceito e discriminação e esteja comprometido com uma educação transformadora e libertadora.

Para Salmon, Barrabacz e Contreras (2018, p.9)

É preciso considerar todos os aspectos da vida do educando para que ocorra a aprendizagem de modo bem-sucedido, ao fragmentar a criança ou impor rótulos a ela em nada auxilia na construção de sua autoestima, é preciso buscar fatores externos e internos, sociais e subjetivos para elevar a autoestima e conseqüentemente melhorar o aprendizado. Para um melhor aprendizado, a criança precisa sentir-se capaz de construí-lo, necessita se perceber como sujeito ativo nesta construção.”

Dessa forma, para que o aprendizado seja eficaz e prazeroso a criança negra precisa se sentir valorizada e acolhida pela escola, ela precisa se sentir importante dentro daquele contexto para que sua autoestima cresça e o aprendizado ocorra de forma efetiva. Os autores acima reforçam que

para que ocorra transformação da autoestima é preciso existir uma atitude de resiliência, que é influenciada pela qualidade das relações estabelecidas. Ao falar sobre autoestima como propulsora da aprendizagem deve-se refletir como isso pode ocorrer quando o sujeito foi prejudicado e precisa superar os variados fatores que foram prejudiciais. (Salmon et al. 2018, p.09)

A autoestima é crucial para que a criança se desenvolva de forma plena, e essa construção vai ocorrendo a partir das relações que essa criança estabelece e a partir do contexto em que ela está inserida. Quando a criança tem sua autoestima comprometida ela tende a enfrentar uma série de desafios, como duvidar do seu potencial, se sentir incapaz e inferior aos demais, ter dificuldades para interagir e ter sua aprendizagem comprometida.

Diante disso, conclui-se que para que o aprendizado seja eficaz, é necessário ter uma autoestima elevada, é necessário que as crianças negras acreditem no seu potencial, elas precisam se sentir capazes de construir seu aprendizado, do contrário, a aprendizagem passa a não ter sentido. Dessa forma, é dever da escola, em especial de cada professor/a refletir sobre sua prática, a fim de desconstruir preconceitos e discriminações que prejudicam a autoestima e aprendizagem das crianças negras e buscar estratégias que contribuam para um aprendizado prazeroso.

### **3.3 A LEI 10639/03 PARA VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFROBRASILEIRA E FORTALECIMENTO DA AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS**

A lei 10639/03 torna obrigatório o ensino da História e Cultura afro-brasileira e Africana nas instituições de ensino públicas e privadas. É evidente que esta lei se tornou um marco na educação brasileira, uma vez que o povo negro teve por séculos sua história renegada. A história do negro no Brasil, sempre foi contada nas escolas a partir do olhar europeu, remontando o/a negro/a sempre ao negativo como imundo, feio, atrasado e burro. Estes estereótipos atrelados ao povo negro nas instituições de ensino, trouxeram uma série de marcas negativas principalmente no que tange as crianças negras, levando-as a se auto negarem e a rejeitarem seu grupo de pertencimento, buscando dessa forma o auto embranquecimento, a fim de serem aceitas pela sociedade. Infelizmente essa realidade ainda é muito presente e tem impactado a autoestima e aprendizagem de crianças negras. Para uma mudança de cenário Cruz (2005, p.10) afirma que

para que uma criança negra construa a sua identidade étnico/racial na escola, ela precisa ter referências, ter conhecimentos sobre o povo negro e a sua história de resistência no Brasil, para se sentir capaz de aprender e produzir conhecimentos. Entretanto, para que essa temática seja trabalhada em sala, é preciso que o professor tenha acesso a esses saberes desde a sua formação inicial.

Silva (2008 apud Santos, 2021, p.383) destaca que a inclusão da História e Cultura afro-brasileira e Africana no Currículo é de fundamental importância para os professores/as e estudantes desconstruírem a história de inferiorização que perpassa no âmbito escolar por meio de reconhecimento da história e memória dos povos africanos,

contribuindo para a autoestima e a identidade dos/as estudantes negros/as e valorização de suas raízes. Nesse sentido, talvez um dos primeiros passos a ser dado por educadores seja o reconhecimento que temos uma sociedade extremamente racista e a partir disso trazer a discussão e reflexão da temática racial para a sala de aula afim de combater todo tipo de preconceito e discriminação e a busca por uma educação que vise o respeito e a equidade.

Sobre a referida lei é importante que a mesma não seja discutida apenas no dia vinte de novembro<sup>2</sup>, mas durante todo o ano letivo. Além disso para que haja a sua concretização é imprescindível o investimento na formação inicial e continuada de professores e que os mesmos estejam comprometidos com a educação, uma educação para as relações étnico- raciais. Sendo assim, implementar de fato a Lei nº. 10.639/2003 nas escolas e nas salas de aula inclui inicialmente reconhecer a importância e o quanto os conteúdos dessa lei são fundamentais para que as/os estudantes negros/os se reconheçam na cultura e na formação nacional, além de uma formação docente para trabalhar uma história que a maioria não teve contato. Também é necessário foco e compromisso da Secretaria de Educação dos municípios com as escolas, no sentido de desenvolver projetos para assegurar a promoção de educação antirracista nesse espaço; incentivo para os educadores se atualizarem, pesquisarem e estudarem sobre a temática, bem como o acesso a materiais pedagógicos atualizados. (Santos et al., 2021)

Andrade (2005) nos traz a reflexão da importância da representatividade, de mostrar o lado positivo do negro e de sua importância na construção do Brasil, para que crianças negras se identifiquem e se orgulhem da sua história. Nesse sentido a autora enfatiza a importância da literatura na desconstrução de estereótipos, trazendo assim o lado positivo do povo negro. A literatura se mostra uma poderosa ferramenta no combate ao racismo, dessa forma é importante que o docente tenha um vasto conhecimento da literatura afro-brasileira, respeitando assim a idade e a necessidade de cada turma. No que tange à lei 10639/2003 ela possibilita que educadores estejam abertos ao novo, a repensar a educação, a valorizar o diferente em sala de aula, a se auto reconstruir, enfim, requer um novo perfil de educador, um educador que vise por uma educação antirracista. O professor tem um grande potencial para transformar a vida de inúmeras crianças, principalmente as vítimas do racismo, que tem sua autoestima

---

<sup>2</sup> Dia em que se comemora a Consciência Negra e faz homenagem a Zumbi dos Palmares, líder extremamente importante na luta do povo negro contra a escravização. Esta data é um marco da luta negra pela liberdade.

comprometida e não consegue perceber a escola com um lugar de pertencimento e afeto. Diante disso, lutar para promover a autoestima dessas crianças é mais do que urgente.

Muitos/as professores/as enfrentam alguns desafios em relação à implementação da Lei nº. 10.639/03, como falta de acesso a materiais didático-pedagógicos para trabalhar a temática, motivação, conhecimento da lei e ausência de formação nessa área. Entendemos esses aspectos como condição essencial para o sucesso do ensino dos conteúdos e para que os/as professores/as não tratem essa questão de forma improvisada e folclorizada (Santos et al. 2021, p.398).

Para os autores citados acima, implementar a lei 10639/03 nas escolas inclui inicialmente reconhecer a importância e o quanto os conteúdos dessa lei são fundamentais para que estudantes negros/as se reconheçam na cultura africana e na formação nacional, além de uma formação docente para trabalhar uma história que a maioria não teve contato. Essa iniciativa por parte de docentes contribui para a valorização de estudantes negros/as e ajudam na construção e fortalecimento da sua autoestima, uma vez que trabalha a história negra a partir de uma outra ótica, mostrando seu lado positivo também.

A discussão racial em sala de aula através da lei 10639/03, contribui para a valorização da cultura africana, colaborando dessa forma para a autoestima de crianças negras. Apresentar uma versão diferente da história da cultura negra para essas crianças, contadas por pessoas negras possibilita um novo olhar para sua história, um olhar positivo de seu povo e de suas raízes. Conhecer a fundo sobre essa lei possibilita às escolas um olhar diferente quanto a história afro-brasileira e seu papel fundamental na construção da sociedade. Apresentar uma versão além da escravização é mais que urgente. Diante disso é dever da escola garantir que crianças negras e brancas tenham acesso a esse conhecimento. Sobre isso Sartori, Cezimbra e Pias (2018, p.5) afirmam:

Há de se fugir do lugar comum que versa apenas sobre a escravidão, mas, além disso, deve-se falar também sobre a riqueza cultural e histórica desse povo, desde as suas raízes até as lutas que ainda vigoram. Mostrar às crianças e jovens estudantes a importância desse conjunto histórico e como isso afeta a sociedade em que todos estão inseridos. Ampliar essa visão faz com que, desde cedo os estudantes tenham conhecimento suficiente para se livrar das amarras do preconceito, pois ter consciência da história desse povo diminui a possibilidade de os mesmos erros serem cometidos novamente.

Estes autores ressaltam que a Lei 10.639/2003 possibilita que crianças e jovens conheçam a verdadeira história da cultura africana e assim tenham um olhar mais crítico e estejam conscientes dos fatos. Os mesmos autores ressaltam ainda que “pode-se levar esse conhecimento através de materiais didáticos direcionados para esta temática, que mostrem a diversidade e riqueza da cultura e tradição africana, assim como os pilares que deram forma para a sociedade que hoje esses alunos estão inseridos” (Sartori, Cezimbra e Pias, 2018, p.6)

Diante disso, é evidente o importante papel da escola na formação e afirmação da identidade negra, através da implementação da lei 10639/03 nesses espaços. Não basta implementá-la apenas no currículo formal, ela precisa estar presente no currículo real.

#### **4. O DISCURSO INSTITUCIONAL E A PRÁTICA DOCENTE: DIÁLOGOS E CONTRADIÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA**

Este capítulo visa fazer uma relação entre o Projeto Político Pedagógico da escola analisado e as entrevistas realizadas com as docentes do terceiro e quarto anos do Ensino Fundamental I. Além disso objetiva compreender se há semelhanças ou não entre as falas das professoras e o documento estudado. Neste contexto, o propósito não é julgar a adequação das práticas, mas sim analisar se as discussões raciais são efetivamente realizadas pelas docentes e pela escola, e de que forma e em que momentos isso ocorre na prática pedagógica.

Ao analisar o PPP foi notório a falta da discussão racial e a lei 10639/03 não é mencionada em nenhum momento durante a realização da sua leitura. Foi possível identificar em alguns momentos a contribuição de alguns povos na formação do nosso país, mas não é citado quem são esses povos. Fala brevemente da importância da diversidade cultural, mas a cultura afrobrasileira não é retratada. Constata-se na leitura uma discussão muito genérica e superficial quanto as questões de combate à discriminação. Assim observa-se ainda um currículo centralizador que não reconhece a importância e a valorização da cultura africana na construção do nosso país e no enfrentamento ao racismo.

As professoras entrevistadas se mostraram muito preocupadas quanto à questão do racismo no ambiente escolar e mostraram ter conhecimento da lei 10639/03. A primeira docente entrevistada, identificada pelo nome fictício Maria, se mostrou muito sensível a essas questões, relatou fazer a discussão racial durante todo o ano, pois acredita que isso é importante para ajudar no enfrentamento ao racismo e na construção da identidade negra e para o fortalecimento da autoestima das crianças. Relata que a escola não desenvolve projetos de enfrentamento ao racismo e promoção da autoestima das crianças negras e que essa discussão só é realizada durante o mês de novembro, no Dia da Consciência negra.

A segunda entrevistada identificada pelo nome fictício Jacy, diz fazer essa discussão também durante todo o ano, mas que enfrenta dificuldades para trabalhar essas questões. Para ela a família influencia muito nesse processo, pois a sua maioria não se reconhece como negras, então é muito difícil de desconstruir isso, na escola as crianças aprendem uma coisa e em casa aprendem outra. Vale ressaltar que as famílias nesse contexto também são as vítimas, pois elas reproduzem apenas aquilo que aprenderam e ouviram a vida toda, que tudo que remete ao negro é feio e desprezível e mudar tais pensamentos e práticas requer conhecimento. A mesma afirma ainda que a escola não desenvolve projetos de enfrentamento ao racismo e promoção da autoestima negra e que isso só acontece no mês de novembro. Ela acredita que além dos professores já trabalhar isso em sala é importante que outras pessoas em posições de destaque como juíza e advogada possam fazer isso nas escolas, para que os alunos se interessem mais e compreendam a importância e seriedade desse debate. Essas representações citadas pela docente são importantes, mas outras pessoas podem também fazer esse papel como lideranças negras do próprio bairro, educadores/a negros/as de outras instituições, dentre outros.

Segundo o relato das docentes entrevistadas, a falta da discussão racial no Projeto Político Pedagógico da escola é real, e a instituição escolar se mostra ainda muito omissa em relação as questões de enfrentamento ao racismo e a valorização da cultura africana nesse espaço. Diante desse cenário há uma negativa muito grande quanto às crianças negras, pois elas estão em processo de construção da sua identidade e este ambiente é crucial nesse processo, nesse contexto a escola pode sim influenciar de forma negativa na construção da identidade negra, uma vez que não valoriza a sua história e cultura. Assim, este capítulo aborda o projeto político pedagógico da escola e a prática pedagógica das professoras.

#### 4.1 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

O objetivo maior ao analisar o PPP da escola é compreender se o documento contempla ou não a lei 10639/03. Inicialmente foi feita a análise de uma versão antiga do PPP da instituição, pois a princípio não foi possível encontrar o documento atual, que foi permitido a sua leitura no processo de escrita final deste trabalho. Durante toda a leitura da versão antiga do PPP foi possível perceber questões relacionadas ao respeito à diversidade, a valorização da diversidade cultural, mas em nenhum momento foi possível identificar algo relacionado à cultura africana. Para Oliveira (2018, p,3):

o currículo expressa os interesses de grupos que detém determinado poder na sociedade e desejam manterem seu status. Com a expansão do ensino, e dos movimentos de crítica e resistência, o currículo passa ser objeto de contestação, pois o mesmo deve prestigiar os vários grupos que compõe a sociedade brasileira.

A partir desse pensamento é evidente que o currículo não é neutro, ele é pensado para atender aos interesses de determinados grupos de poder e assegurar que esses grupos continuem ainda mais poderosos, decidindo assim sobre o modelo ideal de educação para os demais.

Sobre o ensino Fundamental o documento antigo faz menção aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), onde este deve possibilitar que o aluno ao final dos oito anos seja capaz de:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou de outras características individuais e sociais. (PPP, 2022)

Esta foi a única parte do documento em que foi possível perceber a existência de discussões de combate à discriminação étnica e a valorização da pluralidade. A ausência da lei 10639/03 no currículo escolar evidencia um grande retrocesso. Isso nos faz perceber que as questões raciais ainda são negligenciadas pelo projeto da escola. Isso

reflete negativamente na vida de estudantes negros/as, uma vez que sua história de luta e resistência ainda é vista de forma irrelevante e não incluída.

Em relação ao ensino de história no ensino fundamental o documento descreve:

O ensino de História está relacionado à construção da noção de identidade estabelecendo relações entre identidades individuais, sociais e coletivas. O ensino de História possibilita aos alunos refletirem criticamente sobre as convivências humanas e as obras humanas, propicia o debate sobre as contradições, conflitos, mudanças e semelhanças existentes no interior das coletividades, considerando os aspectos: econômicos, sociais, políticos, culturais, científicos e filosóficos no tempo. (PPP, 2022)

No tocante ao PPP atual (2024) já foi possível identificar discussões relacionadas a temas raciais. O documento menciona a lei 10639/03 e a lei 11645/08, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados. Sobre a concepção de currículo o referido documento cita

cabe enfatizar que o princípio estruturador das ações e projetos pedagógicos é a igualdade como base. A igualdade pressupõe semelhanças e diferenças, mas não contempla a inferioridade. O status de igualdade será conseguido quando o professor estiver atento para contemplar os alunos, independente de condição racial ou social, democraticamente, nas pequenas atividades do dia a dia através do que chamamos instrumentos ou ferramentas pedagógicas. As diferenças raciais, culturais ou outras só podem ser contempladas quando a igualdade humana é tomada como base; caso contrário, o que surge é discriminação (PPP, 2024)

O PPP apresenta uma disciplina denominada Cultura Baiana, no entanto, a coordenadora pedagógica salientou que na prática não é uma disciplina em si, mas são discussões que o/a professor/a realiza em sala de aula concernente a cultura baiana. O documento discute bastante a questão racial, principalmente destaca a importância da cultura negra na formação do nosso estado. “A disciplina Cultura Baiana oportuniza ao aluno refletir sobre a cultura da Bahia e sobre as relações étnico-raciais que se estabeleceu nesse lugar” (PPP,2024). Os objetivos da disciplina são: compreender os elementos culturais que formaram a população baiana; entender que o desconhecimento amplia o preconceito e nos dificulta olhar as produções culturais dos diversos povos com equidade; reconhecer e identificar-se com os elementos culturais de matriz africana; ser instrumento de construção de outras visões de mundo alternativas à eurocêntrica para a construção de visões plurais; rever conteúdos, práticas, posturas,

conceitos e paradigmas no sentido da construção de uma educação antirracista. Uma educação para a diversidade e para a igualdade étnico-racial.

O ensino da cultura local ajuda os/as alunos/as a refletir sobre a beleza e a riqueza da sua cultura, conseqüentemente o sentimento de pertencimento e orgulho são construídos. A Bahia é composta em sua maioria por pessoas negras, dessa forma é importante que os/as estudantes conheçam a contribuição histórica da cultura africana na composição e emancipação do nosso estado.

Outra disciplina que consta no PPP atual da instituição é denominada “Cultura e História Afro,” mas assim como a anterior não é uma disciplina, segundo a coordenadora pedagógica, mas sim discussões a serem realizadas em sala de aula pelo/a professor/a. Sobre a apresentação geral da disciplina o texto discorre:

Uma discussão acerca das relações raciais, do preconceito racial e suas manifestações na sociedade brasileira e, em particular, na escola, precisa ser feita. Ela é necessária porque é preciso ampliar a compreensão do problema, para então se poder refletir sobre o que e porque deve ser assim escolhido como conteúdo para compor um currículo escolar que privilegie um descolamento do olhar sobre os negros e mestiços na nossa história e cultura [...] sendo assim disciplina Cultura e História Afro tem o propósito de estabelecer conteúdos que reflitam sobre as relações étnico-raciais na construção da história da sociedade brasileira[...] (PPP, 2024)

Segundo este documento podemos compreender que a escola se preocupa em ampliar as questões raciais, pois entende que o racismo é um problema de todos e é dever da escola propiciar situações de combate e enfrentamento ao mesmo.

Ainda sobre esta disciplina, os objetivos gerais são: ser instrumento de construção de outras visões de mundo alternativas à eurocêntrica para a construção de visões plurais; rever conteúdos, práticas, posturas, conceitos e paradigmas no sentido da construção de uma educação antirracista. Uma educação para a diversidade e para a igualdade étnico-racial; contribuir para a formação humana, constituindo referenciais para inserção do indivíduo no mundo, em seus espaços de socialização; ampliar o conhecimento do estudante sobre o mundo, sobre as relações entre os indivíduos e a sociedade; promover valores e atitudes que concorram para a construção de uma sociedade melhor. Para se posicionar no mundo é preciso conhecer a sua posição no mundo e tomar posição no mesmo. Pensar e agir.

Diante o exposto no documento atual (2024), abordar as questões raciais é uma prioridade da escola, para que dessa forma o racismo seja erradicado do ambiente

escolar e o que venha sobressair seja um mundo mais justo e igualitário no tocante aos direitos e oportunidades. Mas por outro lado há uma discrepância muito grande quanto ao que diz o atual PPP atual e a fala das entrevistadas, pois segundo elas a escola não desenvolve projetos de combate ao racismo e a promoção da autoestima da criança negra e que as discussões quanto aos temas raciais só acontecem no mês de novembro por parte da escola, quando se comemora o Dia da Consciência Negra. Em consonância com as falas das docentes foi perceptível presenciar, durante a observação, vários murais na escola representando o povo negro e sua beleza, com frases inspiradoras, mas que isso só é possível nessa época do ano. Por outro lado, as mesmas relataram fazer essa discussão durante todo o ano letivo, pois acreditam que isso é importante para que os estudantes conheçam a verdadeira história do povo negro, além da escravização, sua beleza e importância desse grupo na construção e riqueza do nosso país.

Com tudo isso, percebemos um modelo ideal de educação, aquele tão sonhado e almejado e a real prática pedagógica. É o tão conhecido currículo formal - aquele que estabelece as diretrizes curriculares, os conteúdos e disciplinas que vão nortear a prática pedagógica e o currículo real - aquele que acontece no dia a dia. Desconstruir estereótipos e preconceitos não é uma tarefa fácil, demanda muito conhecimento e ação. A escola já não pode ter apenas em seu discurso uma educação antirracista, uma educação para as relações étnico-raciais, isso precisa ser evidenciado no seu dia a dia, na sua práxis pedagógica cotidiana.

## 4.2 ENTREVISTAS

A primeira entrevista foi realizada com a professora regente do 4º ano, denominada nesta pesquisa de Maria. A entrevista foi realizada na sala do 9º ano, onde se encontrava disponível. Ela possui doze anos de docência e atua há seis anos na escola atual. Possui Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Católica do Salvador. Ela se identifica como pessoa negra. Relata que teve experiência com a sala de aula desde o segundo semestre do curso de Pedagogia e possui pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos, Psicopedagogia e Educação à distância.

A docente menciona que em sua formação inicial foi trabalhado o tema das questões raciais e isso foi um grande diferencial em sua carreira como docente. Foi a partir dessas discussões na Universidade que ela se reconheceu e se aceitou enquanto pessoa negra, pois até então ela achava que para ser negro tinha que ter uma pele bem retinta, por isso acreditava ser qualquer outra coisa, menos negra. Sua mãe era negra,

mas não se reconhecia como tal e não gostava de negros, assim incentivava seus filhos a não terem relações “com esse tipo de pessoas”. Em relação à lei 10639/03, a professora mostra ter conhecimento da mesma e reconhece sua importância para a valorização da cultura afrobrasileira e enfrentamento ao racismo. Enfatiza que trabalha as questões raciais em sala de aula durante todo o ano letivo. Reconhece a importância dessa lei para a construção da identidade e autoestima de crianças negras.

Quando perguntada se a escola possui projetos que contemplam a lei 10639/03, a entrevistada relata que não, que é incentivada a trabalhar essas questões com o livro didático, mas ressalta que vai muito além desse recurso pedagógico. Sobre isso a entrevistada diz:

Cabe a nós que estamos em sala enfatizar sobre aquilo e dar um outro rumo, não uma coisa romântica, que as vezes o livro é uma coisa romantizada, uma historinha, aquela coisa bonita e não é aquilo ali. Então a gente que tá na sala vai planejar sobre aquilo ali. A gente tem a oportunidade de expandir e falar mais sobre aquilo ali. E é isso que eu faço. (Professora Maria)

Quando perguntada sobre a definição de autoestima e baixa autoestima a docente diz

a autoestima é quando a gente se coloca, se enquadra num local de poder, de acesso. E a baixa autoestima é quando a gente diz não posso, não vou conseguir e muita gente vive dessa forma por causa das barreiras e fica achando ah, aquele espaço não é pra mim. Eu ouvi muito isso e precisei tomar umas sacudidas para entender que eu podia fazer, que eu podia concretizar... A exclusão é dolorosa! A gente se sente amordaçado o tempo todo. A gente tem que se impor, tem que falar alto, senão a gente não é escutado.

A professora Maria menciona que aprendeu a se impor e a se valorizar quando ingressou na universidade, que até então tudo parecia simples e natural até entrar naquele universo que não foi feito para ela e ser massacrada, e ela não entendia o porquê de tudo aquilo. Por tudo isso teve que aprender a falar e falar alto se fosse preciso para que sua voz fosse ouvida. Diante do relato da professora compreendemos que a universidade é um espaço de poder e de disputas, pensada para a elite branca, e o negro só foi ter acesso a mesma após muitas lutas e embates, principalmente através das cotas raciais, mas é um espaço que até hoje reproduz preconceitos e discriminações. A professora mencionou receber tratamentos diferenciados por parte de colegas e para sobreviver naquele espaço precisou aprender a se colocar e reivindicar seus direitos. Por

ter uma postura considerada inadequada para uma pessoa negra, era chamada de problemática e reclamona. Entendia também que precisava ser a melhor e para isso se cobrava muito, mas via isso como uma forma de sobreviver naquele espaço e mudar a sua realidade. “A gente que é negro é mais cobrado, tem sempre que dá o melhor do melhor e isso tá enraizado e não vai mudar. O que vai mudar é nossa visão diante disso e é isso que passo para meus alunos”. (professora Maria)

A professora relatou que durante uma aula sobre a escravização dos negros no país, um aluno mostrou-se revoltado com toda aquela história e disse que se ele vivesse naquele tempo mataria todos os escravizadores. A professora enfatizou a seus alunos que um indivíduo isolado não é capaz de gerar a transformação (“um revoltado só não resolveria nada”), mas que a união com outros indivíduos insatisfeitos resulta em revolução (“mas se se unisse a outros revoltados, certamente faria uma revolução”). Nessa perspectiva, ela frequentemente ressalta que o conhecimento é o principal agente de libertação e mudança social. A docente conta que ao trabalhar as questões raciais em sala, contempla muitos temas para além da escravização, trazendo o lado belo e positivo do povo negro, dessa forma, os seus alunos conseguem se reconhecer e se sentem mais confiantes. Isso mostra o poder que o docente tem de afetar positivamente a vida de seus estudantes, ajudando na construção da sua identidade e autoestima.

Em seu relato, a professora descreve ter enfrentado grandes desafios relacionados ao seu cabelo, um aspecto central de sua identidade. O cabelo crespo sempre foi alvo de críticas racistas, manifestadas em comentários depreciativos e questionamentos invasivos, tais como: 'Por que não alisa o cabelo?', 'Por que não deixa ele baixo?', ou 'Com tranças fica mais bonito.' Tais falas revelam a pressão social e o racismo estético que tenta impor padrões de beleza eurocêntricos, desvalorizando e agredindo a identidade negra. Ela cita que sempre gostou do seu cabelo natural, mas que quando criança precisou passar por alisamentos, ferro quente, tranças super apertadas, dentre outros procedimentos para satisfazer a família e ser aceita pela sociedade. Ela não entendia por que as pessoas se incomodavam tanto com seu cabelo, já que ela gostava do jeito como ele era. Passar por situações como essa é uma grande crueldade com a criança negra, podendo impactar negativamente em sua autoestima. Devido a tudo isso, diz a professora, sua cabeça sempre estava ferida, tanto que hoje em dia a prancha e o secador ainda despertam gatilhos nela e a faz lembrar de tudo o que sofreu.

Ela diz que na sala de aula tem aqueles alunos quietos, mais tímidos, pouco participativos, mas não associa isso a baixa autoestima, principalmente em decorrência do racismo, pois sempre trabalha essas questões em sala, enfatizando a beleza negra e elogiando-os para que se sintam acolhidos e belos. Por outro lado, afirma que a baixa autoestima pode impactar no processo da aprendizagem dos/as alunos/as. Em relação a como os professores podem contribuir para o fortalecimento da autoestima dos seus estudantes, ela relata “valorizar a cor da pele, o cabelo, elogiando-os sempre, mostrar representações negras de destaque como escritores e atores, para que assim eles possam se ver nessas pessoas” (Professora Maria). Segundo ela, é notório os efeitos positivos nos alunos após as discussões feitas em sala, como a autoaceitação e demonstração de orgulho do seu grupo racial.

Com relação aos projetos desenvolvidos pela escola de enfrentamento ao racismo, a professora diz que isso só é trabalhado em datas comemorativas, como o dia da Consciência Negra e acrescenta que isso é um ciclo vicioso, mas que pode ser quebrado dentro da sala de aula. Para ela, o mês de novembro é apenas uma culminância, pois durante todo o ano letivo já foi trabalhado e discutido temas sobre as questões raciais.

A professora entrevistada mencionou que possuía a autoestima baixa, bastava alguém dizer que ela não ia conseguir, para ela desistir. Isso nos mostra que o olhar do outro reflete sobre quem nós somos, na nossa maneira de pensar e agir. Ela acrescenta ainda que houve pessoas que lhe colocaram para baixo, inclusive outros professores. Diz ela, “a baixa autoestima não parte da gente, é jogada na gente, as pessoas nos afundam para não prosseguirmos.” Para ela muitos professores são responsáveis pela baixa autoestima dos alunos, quando usam palavras que diminuem, como: esse aluno é burro, nunca vai aprender nada, deixando assim esse aluno para escanteio. Nesse sentido ela diz que foi a prova viva de experiências negativas como essas. Diante disso, a educadora reconhece o poder transformador da educação, pois foi a partir dela que sua realidade pode ser mudada.

Segundo a professora, a escola não promove a autoestima da criança negra. Complementa ainda que “não existe projeto, não existe um movimento que trabalhe isso. Essa tarefa fica a cargo do professor, dentro da sala de aula.” A mesma conta que assim como existiram professores/as que marcaram negativamente sua vida, houve aqueles que fizeram o oposto. Assim como foi afetada positivamente, ela deseja fazer o

mesmo com os seus alunos, dar o seu melhor enquanto professora. Diante da fala da docente foi possível perceber muita sensibilidade e empatia quanto aos seus alunos. Foi notório o seu compromisso por uma educação antirracista, visando a construção da identidade e a promoção da autoestima da criança negra.

A segunda entrevista ocorreu na sala dos professores a pedido da entrevistada, com a professora do 3º ano do Ensino Fundamental I, por nome fictício de Jacy (escolhido por ela mesma). A docente tem vinte e oito anos de atuação, sendo vinte e sete na escola atual, ao perguntar sobre sua identificação racial, ela se declara negra. Possui licenciatura em Pedagogia, com conclusão em 2000. Possui pós-graduação em Recursos Humanos, Educação e tecnologias, Educação de Jovens e Adultos e na área de drogas. A mesma relata que trabalhou as questões raciais muito pouco em sua formação inicial e que isso era mais tratado em casa. Pouquíssimos docentes abordavam essas questões e, no geral, a discussão era tratada de forma superficial e esporádica. A professora demonstrou ter conhecimento da lei 10639/03, mas alega ter dificuldades de aplicá-la em sala. Sobre sua opinião quanto a importância dessa lei para valorização da cultura afrobrasileira e enfrentamento ao racismo ela relata:

Sim, acho que sim! A lei vem justamente para ajudar em algumas questões que a gente o tempo todo colocava debaixo do pano e como se a gente fosse invisível a essas questões. Eu acredito que até hoje tenha pessoas que acham invisível, como por exemplo nós professores da rede mesmo, a gente vai pra uma formação e quando tá lá pra colocar sua cor, raça, a gente só ver brancos e aí quando a gente olha nos espaços a gente não vê pessoas brancas. (Professora Jacy)

Ao perguntar se a escola possui projetos que contemplem a lei 10639/03 e quando trabalhados, a entrevistada conta que a escola não tem um projeto que trabalhe sobre essas questões e que a maioria trabalha muito estante, com foco apenas em apresentações na semana da Consciência Negra, mas ressalta que deveria ser algo trabalhado o tempo inteiro. Nesse contexto acrescenta:

Quando um aluno vira e diz: fulana, você é linda, só precisa alisar seu cabelo. Isso é algo pra gente repensar. Se todas as coisas que a gente vem trabalhando na escola, trabalha de forma efetiva que façam com que as pessoas reflitam mesmo que é essas questões mesmo. Porque quando diz você é bonita, mas precisa alisar seu cabelo, aí fico pensando, mas ela não é bonita com o cabelo dela também, crespo, ondulado, seja lá como for. Então acho que a gente fica muito preocupado nas questões de apresentações, como a gente vai apresentar, como as pessoas vão ver nosso trabalho. (Professora Jacy)

A professora diz tentar trabalhar as questões raciais em sala, mas tem assuntos como a religiosidade que prefere não tratar devido à falta de conhecimento. Menciona já ter trabalhado literatura infantil que aborda a temática, como *A menina do laço de fita* e *Cabelo de Lelê*, por exemplo, mas que hoje não trabalha mais dessa forma, pois acredita que é preciso avançar. Acrescenta que muitas vezes no Dia da Consciência Negra as pessoas colocam turbantes, fazem um monte de máscaras, mas não sabem o significado disso. Assim acredita que para se trabalhar as máscaras, por exemplo, é preciso ter conhecimento da questão espiritual, como não possui tal conhecimento, prefere trabalhar mais as questões do dia a dia, como por exemplo quando uma criança olha para ela e diz que ela não é negra, devido ao seu cabelo liso e ter que desmistificar isso e explicar que o cabelo só está assim devido ao uso da prancha, pois acredita facilitar a vida e ser mais rápido de arrumar. Falas como a da professora sobre o cabelo crespo e cacheado são muito comuns, o cabelo afro sempre foi considerado feio e desarrumado, dessa forma o mais comum é alisar e assim tem-se a ideia de um cabelo mais arrumado e controlado. Aceitar o cabelo natural é um processo, mas isso é essencial para construção da identidade e autoestima negra.

Segundo ela, questionamentos como esses lhe magoam. Ela relata ainda não ter formação suficiente para compreender, por exemplo, o que é o turbante, a não ser que busque essa formação, e que o mesmo não deve ser usado somente como um adereço no dia da Consciência, sem qualquer tipo de reflexão. Salienta que deve ser trabalhado a questão da aceitação, pois muito dos seus alunos não se enxergam como negros, nesse contexto é importante compreender como as famílias se veem também e como tratam dessa questão com as crianças, como se ser negro fosse algo menos importante, menos valioso. O turbante nesse contexto tem um grande significado para a cultura afro, assim é essencial que os/as docentes conversem com os alunos/as da sua importância para enaltecimento e valorização da beleza negra.

Quando questionada se a aplicação da lei 10639/03 contribui para a construção da identidade racial e a autoestima de estudantes negros/as a entrevistada expõe:

Não é a lei, é como a gente trabalhar, porque a lei já está aí já tem um tempo e mesmo assim tem questões que a gente não consegue avançar. Então acho que não é a lei que vai fazer com que a gente vá trabalhar com relação a isso. Mas acho que é como gente vai se ver nesse contexto. Se a gente como profissional se ver como negro, se nós se vemos como pessoas descendentes

de escravizados e não de escravos, aí a gente consegue avançar. Mas se acharmos que o racismo estrutural é natural, normal, que uma pessoa de pele clara não pode ser empregada doméstica, não vamos avançar. (Professora Jacy)

Complementa ainda que não é a lei que vai garantir que se trabalhe essas questões em sala, porque se o professor quiser nem vai trabalhar e se o docente for racista, ele vai continuar como tal, independentemente da lei. Mas acredita que a lei pode ajudar no sentido da punição, mas não na mudança de concepção. Diante disso ela acredita que é mais como o professor se vê, se reconhece do que a lei em si. Sabemos que a lei 10639/03 ainda caminha a passos lentos, mas não podemos deixar de ressaltar a sua importância no combate ao racismo e valorização da cultura negra. Foi a partir dela que tivemos muitos avanços e a tendência é avançar cada vez mais.

Em seu relato menciona que em uma determinada aula apresentou para a turma um trecho do filme *A Mulher Rei*, mas foi questionada por uma mãe, alegando que seu filho não poderia assistir a um filme como aquele, pois retratava muito a questão da violência, mas para ela não tem violência maior do que termos sido escravizados. Enfatiza que ao apresentar um fragmento do filme, o objetivo era mostrar para as crianças que entre aqueles personagens havia reis e rainhas negros, mas que quando vieram para cá foram escravizados em nosso país, mas que eles resistiram. Não obstante, ainda persiste o discurso de que a população negra é fraca e, por essa razão, se deixou ser escravizada. Tal narrativa é uma grande invenção e uma distorção da história, pois omitiu a verdadeira história de resistência e luta, que somente agora está sendo amplamente revelada e reconhecida. Expressa ainda que as vezes evita trabalhar certas questões pois sabe que não vai ter um retorno positivo por parte da família, pois a maioria não se reconhece como negros e isso acaba interferindo no processo de ensino-aprendizagem. Fomos ensinados a vida inteira apenas coisas negativas em relação ao negro/a, então é muito comum que muitas famílias não se reconheçam nem queiram fazer parte deste grupo racial, além disso, a maioria delas se encontram em situações de vulnerabilidade social e mal sequer tiveram acesso à educação. Isso as tornam suscetíveis a preconceitos e discriminações, e conseqüentemente à manipulação.

Sobre a autoestima e a baixa autoestima a docente define:

Sobre a autoestima eu acredito que vai muito da personalidade da pessoa, mas acho também que os pais, a família, o contexto social em que as crianças vivem, faz com que a gente tenha a questão da autoestima e baixa autoestima. Por exemplo: eu nunca fui tratada por minha família, por meu pai, minha mãe como coitada, como uma pessoa que não é capaz, mas

existem pessoas que fazem isso com seus filhos, ao invés de incentivar, de apoiar, eles colocam para baixo.

A professora relata ainda que encontrou alunos que possuíam apelidos extremamente pejorativos. Ao investigar a origem desses apelidos, descobriu que eles eram atribuídos pelas próprias famílias, incluindo os pais. Tal constatação causou-lhe grande espanto, visto que os próprios alunos expressavam sentir-se desconfortáveis e insatisfeitos com a situação, revelando a internalização e a reprodução de discursos de desvalorização dentro do núcleo familiar. Ela relata que precisou intervir nessas questões várias vezes, mas que não é fácil de desconstruir isso, pois a própria família coloca os estudantes para baixo. Além disso alega ter ouvido de alguns pais que seus filhos não conseguiam e nem iriam aprender a ler e que muitas vezes essa dificuldade na aprendizagem é por problemas cognitivos que poderiam ser corrigidos ou é porque foi colocado na cabeça da criança que ela não é capaz. Então a questão da autoestima e baixa autoestima, segundo a professora, depende muito de como os pais educam seus filhos e da postura do professor em sala frente a essas questões. Portanto se o educador concorda com essas atitudes o aluno não vai avançar na aprendizagem nem melhorar na questão da autoestima.

A professora confirma identificar em sua sala de aula estudantes que manifestam baixa autoestima. A título de exemplo, ela cita o caso de uma aluna que ingressou na turma no decorrer do ano, oriunda de outra instituição. Essa estudante frequentemente expressa a crença de que é incapaz de alcançar seus objetivos ('diz que ela não consegue nada') e, recorrentemente, questiona a docente sobre sua própria aparência ('se ela é bonita'). Ao ser questionada, a aluna relata que percebe que outras pessoas não a consideram bonita. A professora, por sua vez, atua para desmistificar essa percepção, afirmando o valor e a beleza da aluna. Essa criança segundo a professora não tem mãe e é criada por terceiros e sua autoestima é muito baixa. O sentimento de incapacidade por parte da criança é constante e isso pode ter muito a ver com os espaços pelos quais ela já passou ou convive atualmente. Acrescenta que essa criança não é a única, que ela conseguiu identificar pelo menos duas meninas que sempre precisam de ajuda quanto a sua autoafirmação. Mas que a todo tempo vem trabalhando para desconstruir tais pensamentos e reforça que elas são lindas da forma que são e que são capazes.

Quando questionada se a baixa autoestima pode impactar no processo de aprendizagem dos estudantes, ela expõe:

Com certeza! Se uma criança ela tem uma baixa autoestima, ela acha que não consegue, se ela não for incentivada, se ela não for trabalhada de fato, então acredito que isso impacta demais. Porque se eu acho que consigo eu ainda tento, mas se eu acho que não consigo eu não quero nem tentar.

Sobre a sua contribuição enquanto docente para o fortalecimento da autoestima de crianças negras, ela esclarece que pode ser discutindo essas questões em sala. Como por exemplo quando discutimos quem nós somos, quem está hoje nos cargos de poder, assim estamos mostrando para as crianças que elas também podem conseguir, mas que temos ainda um caminho longo. No entanto demonstra ter dificuldades para trabalhar isso diretamente com o aluno. Ela relata que, ao conversar sobre racismo em sala de aula, uma aluna contou ter presenciado uma situação discriminatória em um shopping: uma cliente se recusou a ser atendida por uma vendedora apenas por ela ser negra, o que causou grande inquietação na criança.

A docente enfatiza a importância de discutir essas situações, refletindo sobre porque certas pessoas pensam assim, por que não devemos adotar essas atitudes e como desmistificar preconceitos. É necessário também conscientizar os alunos sobre a existência de leis que protegem contra o racismo e orientá-los sobre como agir ao presenciar comportamentos discriminatórios. Acredita que a autoestima das crianças pode ser fortalecida por meio de projetos escolares e da presença de pessoas que dialoguem sobre essas temáticas na escola.

A mesma acrescenta que o/a professor/a às vezes tem até um conhecimento muito bom, mas nem sempre se consegue trabalhar essas questões, mas quando são pessoas de fora, principalmente as que possuem cargos importantes como delegada, advogada e juíza, elas conseguem fazer com que os alunos se atentem e se interesse mais ao que está sendo tratado.

Segunda ela, a escola não possui projetos de enfrentamento ao racismo, o que ocorre são as discussões feitas em sala sobre essa questão. Com relação a escola desenvolver a promoção da autoestima da criança negra, a professora esclarece:

A gente faz isso muito pontual, a gente faz isso no Dia das Crianças, faz um desfile das meninas todas arrumadas, com turbantes, mas ainda faz muito pontual. A escola, inclusive nós professores precisamos entender que isso

deve perpassar em todas as disciplinas, em todos os momentos que a gente está trabalhando. Precisamos caminhar nessa direção.

Diante da fala da entrevistada, a escola ainda precisa avançar no tocante ao desenvolvimento de projetos, que vise o combate ao racismo e contribua para a promoção da autoestima e construção da identidade negra. Essa tarefa não é fácil, mas demanda urgência.

Após o exposto é evidente que a escola precisa repensar sua prática, visar um currículo que valorize e respeite as diversas culturas e povos. Mas esse currículo precisa ser efetivado na prática. Além disso, os docentes precisam de formações continuadas que visem a valorização da cultura africana, para assim poder combater o racismo ainda presente nesses espaços e assim contribuir para a construção da identidade racial das crianças negras.

## 5. CONCLUSÃO

Após as discussões realizadas é notório a importância da autoestima para a aprendizagem escolar da criança negra. Quando ocorre o contrário, traz uma série de prejuízos para a aprendizagem e construção da identidade negra. Assim é importante que a escola se mostre ativa quanto a promoção da autoestima dessas crianças, desenvolvendo projetos que valorize a cultura e história africana, para que desse modo, a criança negra se reconheça e se sinta valorizada nesse espaço.

Sobre o Projeto Político Pedagógico antigo (2022) da escola foi possível identificar a ausência da discussão e implementação da lei 10639/03 no currículo escolar. Isso se mostra um grande retrocesso, pois o combate ao racismo é algo para ontem. Ensinar para as crianças a história do povo negro, além da escravização é de grande urgência. É tempo de “positivar o lado negro de cada criança” como aponta Andrade (2005). Além disso o currículo escolar necessita contemplar e valorizar todas as raças e etnias e mostrar a importância de cada uma para a construção do nosso país, desconstruindo assim a supervalorização de um povo em detrimento de outros.

Em relação ao PPP atual (2024) foi possível perceber a discussão racial, de forma consciente e preocupada com uma educação para as relações étnico-raciais. No entanto, percebemos também uma disparidade grande quanto ao que está sendo proposto neste documento e o que foi dito pelas professoras entrevistadas. O currículo escolar apresenta um discurso muito belo quanto o combate e enfrentamento ao racismo, mas ainda caminha em passos muito lentos quanto a sua prática real.

Sobre as entrevistas com as professoras foi possível identificar a preocupação delas quanto à discussão da temática racial durante todo o ano letivo, mas afirmam não encontrar apoio da instituição escolar. A partir da fala das docentes a escola tem se posicionado ainda de forma omissa quanto as discussões raciais. As professoras

acreditam que o trabalho em sala de aula pode contribuir significativamente na desconstrução de estereótipos quanto a história e cultura negra, colaborando dessa forma para o fortalecimento/construção da autoestima e identidade racial negra.

Em suma, o racismo ainda é um grande problema presente nas instituições de ensino, que contribui para exclusão da população negra, afetando assim diretamente a sua autoestima, por isso precisa ser combatido por professores e professoras e toda a comunidade escolar diariamente. O ambiente escolar necessita ser um espaço que valorize todas as raças e etnias e ser contra toda forma de preconceito e discriminação. Lutar contra o racismo é um dever de todos! Diante disso, a construção da autoestima e identidade racial da criança negra só é possível quando se há uma escola comprometida com uma educação antirracista, desse modo é importante que os docentes tenham acesso a esse tipo de conhecimento e se desconstrua de todo preconceito e discriminação. Dessa forma podemos trilhar um caminho melhor e as crianças negras poderão estar mais conscientes de sua história e cultura e conseqüentemente mais preparadas para lidar com o problema do racismo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. **Construindo a autoestima da criança negra**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: [http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando\\_%20racismo\\_escola\\_miolo.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando_%20racismo_escola_miolo.pdf). Acesso em: 15 maio.2025.

ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-70432013000200009&lng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-70432013000200009&lng=pt). Acesso em: 20 maio.2025.

ANJOS, Ana Paula Souza do Prado; GUEDES, Marilde Queiroz. **Política de cotas da UNEB: ação institucional com ressonância nacional**. O Social em Questão - Ano XXIV - nº 50 - Mai a Ago/2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/52299/52299.PDF>. Acesso em: 25 jan.2026.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: [SciELO Brasil - Notas sobre a experiência e o saber de experiência Notas sobre a o experiência saber de experiência](#). Acesso em 30 mar.2025.

CRUZ, Cristiane Copque da. **O olhar das professoras sobre a construção da identidade étnica e da autoestima das crianças negras na escola**. VIII Semoc,2005. Disponível em: Acesso em: 27 set.2025.

FERNANDES, Nathaly Cristina. **Racismo na infância: impactos psicológicos**. VII Congresso Internacional de Psicologia da UEM. Maringá-PR, 2018. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=0785e9453627ea0c8575c52c8edf92d4a729ce38aa9da8d139ad2f4181e76746Jmlt dHM9MTc0OTc3MjgwMA&pnt=3&ver=2&hsh=4&fclid=05d7ced4-2433-6f46-21ce-db9225c86e59&psq=RACISMO+NA+INF%3a+IMPACTOS+PSICOL%3a+GICOS+referencia+abnt&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cubnBkLnVlbS5ici9ldmVu dG9zL2Fzc2V0cy91cGxvYWRzL2ZpbGVzL2V2dC82L3RyYWJhbGhvcy82XzE0XzE1MjM4MDUwOTYucGRm&ntb=1>: Acesso em: 10 abr.2025.





## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Roteiro para a Entrevista com as Docentes

#### Perguntas para a entrevista

##### Identificação Pessoal


1. Nome fictício:
2. Tempo de atuação:
3. Quanto tempo você tem em sala de aula? E na Escola?
4. Identidade racial?

##### Dados das Pesquisa sobre autoestima e aprendizagem

5. Licenciatura em Pedagogia? Data?
6. Pós-Graduação: Qual:
7. Em suma formação inicial foi trabalhado questões raciais?
8. Você tem conhecimento da lei 10639/03?
9. Em sua opinião, você considera a lei 10639/03 importante para a valorização da cultura afro-brasileira e enfrentamento ao racismo?
10. Você trabalha as questões raciais em sala de aula? Em quais períodos do ano?
11. Em sua opinião a aplicação da Lei 10639/03 contribui para construção da identidade racial e a autoestima de estudantes negros/negras?
12. A escola possui projetos que contemplem a Lei 10639/03? Quando?
13. Como você define baixa autoestima e autoestima?
14. Em sua percepção você identifica estudantes com baixa autoestima em sala de aula?
15. Em sua opinião a baixa autoestima pode impactar no processo de aprendizagem de estudantes?
16. Para você como as professoras podem contribuir para o fortalecimento da autoestima de crianças negras?
17. A escola desenvolve projetos de enfrentamento ao racismo?
18. A escola desenvolve a promoção da autoestima da criança negra?

## ANEXOS

## ANEXO A – Documento para Autorização da Pesquisa em Campo

 UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I

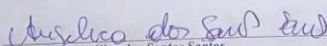
À  
Gerência de Currículo/Diretoria Pedagógica – DIPE/SMED

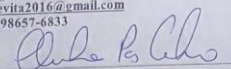
Prezados (as) Senhores (as),

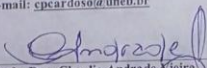
Venho através desta, solicitar a permissão desta referida Instituição para que a discente **Angélica dos Santos Santos**, matrícula nº **082210249**, do Curso **Licenciatura em Pedagogia**, da Universidade do Estado da Bahia, 8º semestre, cursando a disciplina **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**, cuja pesquisa intitulada **“A BAIXA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS NEGRAS E SEUS IMPACTOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM”**, tenha a possibilidade de visitar e observar os trabalhos realizados na **ESCOLA MUNICIPAL HILBERTO SILVA**, durante 30 (trinta) dias, no turno Vespertino de acordo com o interesse do (a) discente e disponibilidade desta Diretoria, objetivando apreciação e apreensão da realidade.

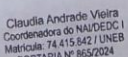
O propósito é que, mediante uma análise mais profunda desse contexto realístico, oportunizaremos a preparação de uma geração de profissionais mais implicados e conscientes com a educação pública (que ocorre nos múltiplos espaços) deste País.

Salvador, 09 de outubro 2025.

  
Estudante: Angélica dos Santos Santos  
E-mail: [angellevita2016@gmail.com](mailto:angellevita2016@gmail.com)  
Telefone: (71) 98657-6833

  
Prof. Dra. Cláudia Pons Cardoso  
E-mail: [cpcardoso@uneb.br](mailto:cpcardoso@uneb.br)

  
Prof. Dra. Claudia Andrade Vieira  
Coordenação da Comissão Geral de TCC/DEDC I/UNEB  
Ato Adm: 018/2022  
E-mail Setor de TCC: [tccdedc1@uneb.br](mailto:tccdedc1@uneb.br)  
E-mail Colegiado de Pedagogia, Campus I: [pedagogiadec1@uneb.br](mailto:pedagogiadec1@uneb.br)

  
Claudia Andrade Vieira  
Coordenadora do NA/DEDC I  
Matrícula: 74.415.842 / UNEB  
PORTARIA Nº 865/2024

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Rua Silveira Martins, 2555, Cabula, Salvador – BA, 41.150-000  
+55 71 3117-2200

